

# FINLAY

ELLE  
COSIMANO

# DONOVAN

# VAI



# ARRASAR

TOP  
SEL  
LER

«Com comentários perspicazes acerca da maternidade e da feminilidade, Elle Cosimano constrói uma história deliciosamente retorcida.» *Booklist*

# CAPÍTULO 1

É um facto bem sabido que a maior parte das mães está pronta para matar alguém às 8h30 de uma manhã normal. Na manhã de terça-feira, 8 de outubro, eu já estava pronta para isso às 7h45. Se nunca tiveram de lutar para pôr a fralda a uma criança de 2 anos toda lambuzada de xarope de ácer, enquanto outra de 4 anos decide cortar o cabelo antes de ir para o jardim de infância, tudo isto enquanto tentam localizar a vossa ama desaparecida em combate e ensopam as borras de café que transbordaram da cafeteira porque, no vosso estado de privação de sono, se esqueceram completamente de colocar o filtro, deixem-me explicar-vos como é.

Eu estava pronta para matar alguém. Não queria saber quem. Estava atrasada.

A minha agente já tinha apanhado o comboio na Grand Central com destino à Union Station, onde ficara de se encontrar comigo para um *brunch* num restaurante demasiado caro para mim, durante o qual discutiríamos exatamente quão atrasada eu estava em relação ao prazo de entrega de um livro cuja escrita já recomeçara três vezes e que provavelmente nunca terminaria porque... céus, olhem para mim. Porque sim.

A minha casa de dois pisos em estilo colonial em South Riding ficava suficientemente perto da cidade para que a marcação às 10 horas da manhã me parecesse razoável quando a fizera. Era também suficientemente longe da cidade para convencer pessoas que, de um modo geral, eram mentalmente sãs a comprar bonecas insufáveis em tamanho real de modo a poderem usar a faixa para veículos com alta ocupação sem serem multadas, e sem serem vítimas de uma tentativa de homicídio por parte de um de nós, daqueles que ainda não tinham vendido a alma e adquirido a sua própria boneca insufável.

Não me entendam mal. Eu gostava de South Riding, antes do divórcio. Antes de descobrir que o meu marido andava enrolado com a nossa agente imobiliária, que fazia também parte da direção da associação de proprietários. Não sei porquê, mas desconfio que não era isso que a vendedora queria dizer quando afirmara que a nossa Meca suburbana tinha um ambiente «familiar». A brochura mostrava fotografias de famílias felizes abraçadas nos seus alpendres pitorescos. Recorria a palavras como *idílico* e *tranquilo* para descrever o bairro, porque nas páginas reluzentes de uma revista imobiliária ninguém consegue ver, atrás das janelas, a mãe exausta e homicida, ou o bebé nu e peganhento, ou o cabelo e o sangue e o café espalhados pelo chão.

— Mamã, arranja-me!

A Delia estava no meio da cozinha, a esfregar com os dedos o sítio onde cortara o cabelo rente e se arranhara com a tesoura. Uma gotinha de sangue deslizou-lhe pela testa e eu limpei-a com uma fralda de pano suja antes que lhe pingasse para o olho.

— Não consigo arranjar isso, meu amor. Temos de ir à cabeleireira depois da escola.

Pressionei a fralda de pano na zona da pelada até parar de sangrar. Depois, com o telemóvel entalado entre a orelha e o ombro, enfiei-me debaixo da mesa e apanhei os cabelos espalhados no chão enquanto contava os toques não atendidos.

— Não posso ir para a escola assim. Toda a gente se vai rir de mim! — gritava a Delia, com lágrimas grossas a deslizarem-lhe pelo rosto entre fungadelas, enquanto o Zachary esfregava torradas no cabelo e olhava embasbacado para a irmã do alto da sua cadeirinha. — O papá conseguia arranjar-me!

A minha cabeça embateu na parte de baixo do tampo da mesa e o meu filho de 2 anos desatou a berrar. Pus-me em pé com alguma dificuldade, empunhando as madeixas finas da minha filha. O resto dos fios cortados estavam colados ao xarope no joelho das minhas calças. Mordi a língua para não soltar uma imprecação que o mais pequeno garantidamente repetiria durante semanas no meio do

supermercado se eu me descuidasse e a dissesse em voz alta, e atirei a tesoura de cozinha suja para o lava-loiça.

Por volta do 47.º toque, a chamada foi atendida pelo gravador.

— Olá, Veronica. Fala a Finlay. Espero que esteja tudo bem — disse eu em voz doce, para o caso de ela ter morrido esmagada num acidente de automóvel ou queimada viva num incêndio durante a noite. Ninguém quer ser a imbecil que deixa uma mensagem a prometer matar alguém por estar atrasada, vindo a descobrir depois que a pessoa já tinha sido assassinada. — Estava à tua espera às 7h30, para conseguir chegar a horas à minha reunião na cidade. Não sei se te esqueceste... — O tom animado no final da frase dava a entender que não havia problema. Que estava tudo bem. Mas não estava tudo bem. *Eu* não estava bem. — Se ouvires esta mensagem, diz-me alguma coisa. Por favor — acrescentei, antes de desligar. Porque os meus filhos estavam a ouvir, e temos sempre de dizer «Por favor» e «Obrigado». Desliguei, liguei para o meu ex e segurei de novo o telemóvel com o ombro enquanto lavava das mãos toda e qualquer esperança de ainda salvar o dia.

— A Vero não vem? — perguntou a Delia, enquanto escarafunchava o bonito serviço que fizera na cabeça e franzia a testa para os dedos sujos de sangue.

— Não sei. — A Vero provavelmente sentaria a Delia ao colo e esconderia aquela catástrofe com um penteado cheio de estilo. Ou por baixo de uma complicada trança francesa. Mas eu tinha quase a certeza de que qualquer tentativa da minha parte de fazer algo semelhante só iria piorar tudo.

— Podes ligar à tia Amy?

— Não tens nenhuma tia Amy.

— Tenho, sim. Era a irmã da Theresa na faculdade. Ela pode arranjar-me o cabelo. Estudou cosmetologia.

— *Cosmetologia*, queres tu dizer. E não é tua tia só porque era da mesma sororidade da Theresa.

— Vais ligar ao papá?

— Sim.

— *Ele* sabe arranjar as coisas.

Disfarcei a tensão com um sorriso. O Steven também sabe destruir coisas. Coisas como sonhos e votos matrimoniais. Mas não disse nada. Em vez disso, cerrei os dentes, porque os psicólogos dizem que não é saudável falar mal do ex na presença dos filhos. E o senso comum diz que não é algo que se deva fazer enquanto esperamos que ele atenda o telefone para lhe pedirmos se pode ficar com os ditos filhos.

— Ele usa cola *desiva* — insistiu a Delia, seguindo-me pela cozinha enquanto eu despejava os restos do pequeno-almoço no lixo e enfiava os pratos no lava-loiça, juntamente com a minha sanidade mental.

— Queres dizer fita adesiva. Não podemos arranjar o teu cabelo com fita adesiva, amor.

— O papá podia.

— Espera um bocadinho, Delia. — Fiz-lhe sinal para se calar quando o meu ex finalmente atendeu. — Steven? — Ele já parecia impaciente antes sequer de me dar os bons dias. Pensando melhor, acho que não foi bom dia que ele disse. — Preciso de um favor. A Vero não apareceu esta manhã e já estou atrasada para uma reunião com a Sylvia no centro. Tenho de te deixar o Zach por umas horas. — Da sua cadeirinha, o meu filho ofereceu-me um sorriso lambuzado de xarope de ácer, enquanto eu tentava limpar a nódoa peganhenta das calças. Era o meu único par de calças decente. Normalmente, trabalho de pijama. — E se calhar ele precisa de um banho.

— Pois — disse o Steven lentamente. — Em relação à Vero...

Parei de limpar e deixei cair a fralda de pano no saco aberto aos meus pés. Conhecia aquele tom. Era o mesmo tom que ele usara quando me dera a notícia de que ele e a Theresa estavam noivos. Era também o mesmo tom que usara no mês passado quando me dissera que o seu negócio de jardinagem ia de vento em popa graças aos contactos da Theresa na área imobiliária, e que estava cheio de dinheiro e, já agora, tinha falado com um advogado para pedir a guarda conjunta dos miúdos.

— Era para te ligar ontem, mas eu e a Theresa tínhamos bilhetes para o jogo e quando dei por mim já era tarde.

— Não. — Apertei o balcão. *Não, não, não.*

— Trabalhas em casa, Finn. Não precisas de uma ama a tempo inteiro para o Zach...

— Não faças isto, Steven. — Pressionei a dor de cabeça que começava a fazer-se sentir entre os meus olhos enquanto a Delia me puxava pelas calças e choramingava sobre fita adesiva.

— Por isso despedi-a — disse ele.

*Filho da mãe.*

— Não posso continuar a tapar os teus buracos...

— Tapar os meus buracos? Sou a mãe dos teus filhos! Chama-se pensão de alimentos.

— Não pagaste a prestação da carrinha...

— Estou só à espera de receber o adiantamento do meu livro.

— Finn. — Sempre que ele dizia o meu nome, soava como uma imprecação.

— Steven.

— Talvez seja altura de pensares em arranjar um trabalho a sério.

— Como fazer hidrossementeiras no bairro? — Sim, foi o que eu lhe disse. — Este é o meu trabalho a sério, Steven.

— Escrever livros ordinários não é um trabalho a sério.

— São romances de *suspense*! E já recebi metade do pagamento. Tenho um contrato! Não posso quebrar o contrato. Teria de devolver o dinheiro. — E depois, porque me sentia particularmente homicida, acrescentei: — A menos que queiras tapar também esse buraco.

Ele resmungou entre dentes enquanto eu me ajoelhava para ensopar a poça de borras de café no chão. Imaginei-o sentado à mesa na sua cozinha imaculada, na casa impecável e elegante, a beber uma caneca de café feito na prensa francesa e a arrancar os cabelos que ainda lhe restavam.

— Três meses. — A paciência dele parecia tão rala como o cabelo no alto da sua cabeça, mas guardei esse comentário para mim, porque precisava mais de alguém que ficasse com os miúdos do que

precisava da satisfação de desgastar o seu frágil ego masculino.  
— Estás três meses atrasada na prestação da casa, Finn.

— Na renda, queres tu dizer. Na renda que te pago a *tí*. Poupa-me, Steven.

— E a associação de proprietários vai penhorar a casa se não pagares a conta de avaliação especial que te mandaram em junho.

— E como é que sabes disso? — perguntei, embora já soubesse a resposta. Ele andava enrolado com a nossa agente imobiliária e o seu melhor amigo era o nosso gestor de conta. Era *assim* que ele sabia.

— Acho que os miúdos deviam viver comigo e com a Theresa. Permanentemente.

Quase deixei cair o telefone. Larguei o rolo de papel absorvente e saí intempestivamente da cozinha, baixando a voz para um sus-surro seco.

— Nem pensar nisso! Nem te passe pela cabeça que deixo os meus filhos viverem com essa mulher.

— O que ganhas em direitos de autor mal chega para a comida.

— Talvez eu tivesse tempo de acabar um livro se não tivesses despedido a ama dos miúdos!

— Tens 32 anos de idade, Finn...

— Não tenho nada. — Tenho 31. O Steven estava só com inveja porque eu era três anos mais nova do que ele.

— Não podes passar a vida toda fechada nessa casa, a inventar histórias. Temos contas na vida real, problemas na vida real com os quais é preciso lidar.

— Estúpido — murmurei entre dentes. Porque a verdade dói. E o Steven era a maior e mais dolorosa verdade de todas.

— Ouve — disse ele. — Estou a tentar não ser estúpido. Pedi ao Guy que esperasse até ao fim do ano, para te dar tempo de encontrar qualquer coisa.

O Guy. O seu companheiro de fraternidade que era agora advogado de divórcio. O mesmo Guy que bebera demais e vomitara no banco de trás do meu carro, na faculdade, era agora o advogado que jogava golfe com o juiz aos sábados e que me custara os fins de

semana com os meus filhos. Ainda por cima, o Guy convencera o juiz a tirar-me metade do adiantamento do meu último livro e a dá-lo à Theresa, como compensação pelos danos que lhe causei no carro.

Pronto, está bem.

Admito que embebedar-me e enfiar uma bola de plasticina da Delia no tubo de escape do *BMW* da Theresa pode não ter sido a melhor maneira de lidar com o anúncio do casamento deles, mas deixá-la safar-se com metade do meu adiantamento e o meu marido já era escarafunchar na ferida.

Da sala de jantar vazia, vi a Delia enrolar o cabelo que lhe restava no dedo peganhento e sujo de sangue. O Zach choramingou, farto de estar preso na cadeirinha. Se eu não conseguisse apresentar um salário nos próximos três meses, o Guy arranjará maneira de me tirar os meus filhos e dá-los também à Theresa.

— Estou atrasada. Não posso discutir isto contigo agora. Posso deixar-te o Zach ou não?

*Não vou chorar. Não vou...*

— Sim — disse ele, em tom cansado. O Steven não sabia o que era estar cansado. *Ele* tinha café e dormia oito horas seguidas todas as noites. — Finn, lamento mu...

Desliguei. Não foi tão satisfatório como uma joelhada nos tomates, e sim, provavelmente foi infantil e um cliché, mas uma pequena parte de mim sentiu-se melhor depois de lhe desligar o telefone na cara. A pequena parte de mim (se é que existia) que não estava coberta de xarope e atrasada para uma reunião.

Enfim. Eu ainda não estava bem. Nada estava bem.

Senti outro puxão nas calças. A Delia ergueu o rosto para mim, com os olhos cheios de lágrimas, o cabelo espetado em bicos ensanguentados. Suspirei.

— Fita adesiva. Eu sei.

O ar húmido de outono entrou numa rajada quando abri a porta interior para a garagem. Acendi a luz, mas o espaço cavernoso continuou obscuro e deprimente, vazio à exceção da mancha de óleo deixada pelo *F-150* do Steven no chão de cimento e da minha *Dodge*

*Caravan* coberta de pó. Alguém desenhara um falo no vidro traseiro e a Delia não me deixara limpá-lo porque, insistiu, parecia uma flor, e tudo isto era uma bela metáfora da minha vida neste momento. Encostada à parede do fundo havia uma bancada de trabalho, e na parede por cima desta um enorme quadro para ferramentas. Só que não havia ferramentas nenhuma. Apenas a minha pequena pá de jardinagem cor-de-rosa comprada no supermercado — uma das poucas coisas que o Steven não levara quando limpara a garagem. Tudo o resto pertencia ao negócio de jardinagem, dissera ele. Remexi nos restos abandonados em cima da bancada — parafusos soltos, um martelo partido, um frasco quase vazio de produto para limpar estofos — e encontrei um rolo de fita adesiva prateada. Estava tão peganhenta e coberta de pelos como os meus filhos. Levei-a para dentro.

O ar infeliz nos olhos molhados da Delia desapareceu. Olhou para o rolo de fita adesiva com toda a confiança de uma rapariga que ainda não foi desiludida pelo homem mais importante da sua vida.

— Tens a certeza? — perguntei, pegando num punhado de cabelos cortados.

Ela fez que sim com a cabeça. Tirei um gorro de lã do cabide no vestíbulo e voltei para a cozinha. O Zach estava a observar-nos, com um pedacinho de torrada colado à cabeça, a fechar e a abrir os dedos peganhentos com uma expressão deslumbrada que raiava o assombro místico. Tenho quase a certeza de que estava a fazer cocó ao mesmo tempo.

Fantástico. O Steven que lhe mudasse a fralda.

A minha tesoura estava enterrada debaixo de uma pilha de pratos sujos, por isso tirei uma faca do suporte em cima da bancada. A fita separou-se do rolo com um guincho sonoro, e eu encostei as madeixas de cabelo cortado à parte lateral da cabeça da Delia enquanto lhe enrolava fita adesiva à volta, como uma hedionda coroa prateada, até o cabelo estar (mais ou menos) preso. A faca estava romba, quase não consegui cortar a fita adesiva.

*Céus.*

Forcei um sorriso enquanto lhe enfiava o gorro na cabeça, puxando-o para baixo o suficiente para esconder as evidências. A Delia fitou-me com um sorriso e com os dedinhos afastou os cabelos de Frankenstein dos olhos.

— Feliz? — perguntei, tentando não lhe chamar a atenção para a madeixa de cabelo que se soltara e estava agora caída no ombro dela.

Ela acenou afirmativamente.

Enfiei a faca e a fita adesiva na mala, juntamente com o telemóvel, e tirei o Zach da cadeirinha, suspendendo-o para lhe cheirar a fralda. Satisfeita, apoiei-o na anca e fechei a porta atrás de nós.

Eu estava bem, disse a mim própria, enquanto carregava no botão para abrir o portão da garagem. A luz do motor acendeu-se e um rangido ensurdecedor abafou a tagarelice das crianças enquanto o portão subia, inundando a garagem de um sol outonal desmaiado. Enfiei-os na carrinha, pousando cuidadosamente a fralda pesada do Zach na cadeirinha. Não era tão satisfatório como um pontapé nos tomates do meu ex, mas hoje parecia que um bebé de 2 anos todo lambuzado e com a fralda cheia era o melhor que se arranjava.

— Onde é que o Zach vai? — perguntou a Delia quando eu liguei a carrinha e saí da garagem.

— O Zach vai para casa do papá. Tu vais para a escola. E a mamã... — Carreguei no botão do comando à distância que tinha no espelho retrovisor e esperei que o portão se fechasse. Nada.

Travei a carrinha e inclinei a cabeça para espreitar para dentro da garagem. A luz do motor estava apagada. E as luzes do alpendre também, bem como a luz da janela no quarto da Delia que eu me esquecia sempre de apagar. Tirei o telemóvel da mala para ver que dia era.

*Merda.* Passavam 30 dias do prazo para pagar a conta da eletricidade.

Baixei a cabeça para o volante e deixei-a lá ficar. Tinha de pedir ao Steven que pagasse a conta. Ele teria de telefonar para a empresa de eletricidade e implorar que a voltassem a ligar — outra vez. Teria de lhe pedir que viesse fechar o portão da garagem

manualmente. E o Guy com certeza já estaria a par de tudo isto quando eu chegasse a casa mais logo.

— O que vais fazer, mamã? — perguntou a Delia.

Levantei a cabeça e olhei para a estúpida pá cor-de-rosa pendurada na parede. Para a janela escura do escritório onde não punha os pés há semanas. Para as ervas daninhas que começavam a invadir o caminho de acesso à casa e para a pilha de contas por pagar que o carteiro começara a atirar para o degrau quando já não cabiam na caixa de correio. Meti a marcha-atrás e apanhei um vislumbre dos rostinhos ranhosos, peganhentos e angelicais dos meus filhos no espelho retrovisor enquanto recuava até à estrada, com um aperto no coração ao pensar na possibilidade de os perder para o Steven e a Theresa.

— A mamã vai ver se arranja maneira de ganhar algum dinheiro.

## CAPÍTULO 2

Passavam 36 minutos das 10 horas quando finalmente cheguei ao Panera em Vienna, demasiado tarde para o pequeno-almoço, mas demasiado cedo para a hora de almoço, e mesmo assim não consegui encontrar lugar para estacionar. Quando liguei à Sylvia para explicar que estava atrasada e não ia conseguir chegar a tempo da nossa reserva de *brunch* no restaurante fino que ela escolhera, ela pediu-me o nome de um sítio qualquer que ficasse perto de uma estação de metro, abrisse cedo e não exigisse reserva prévia. Eu estava a tentar navegar por um engarrafamento, sentia-me culpada e enervada, e o Panera foi a primeira coisa que me veio à cabeça. Antes que conseguisse voltar atrás, a Sylvia já desligara.

O parque de estacionamento do Panera estava cheio, a transbordar de *Audis* e *BMW* e *Mercedes* reluzentes. Quem eram estas pessoas, e porque é que não trabalhavam num horário normal de expediente? Já agora, o mesmo podia dizer-se de mim.

Enfiei a carrinha no parque de estacionamento adjacente de uma lavandaria a seco e tentei sacudir alguns fios do cabelo da Delia das calças antes de desistir. Pus um par de óculos de sol enormes, que me tapavam a cara quase toda, enfiei o lenço de seda/peruca na cabeça, ajeitei as longas madeixas onduladas e loiras que saíam por baixo do lenço e apliquei batom vermelho-escuro para lá das linhas naturais dos meus lábios. Suspirei ao olhar para o meu reflexo no espelho retrovisor. Era a mesma versão de mim que surgia na contracapa dos meus livros, mas ao mesmo tempo não era. Nas fotografias oficiais, eu parecia misteriosa e cheia de *glamour*, como uma romancista que quer esconder a sua identidade secreta de bandos de fãs descontrolados. Porém, à luz fria da minha carrinha velha, com manchas de xarope e cabelos nas calças, creme para as assaduras

debaixo das unhas, e com uma madeixa insubmissa do meu cabelo castanho a espreitar por baixo do lenço, parecia apenas que estava a esforçar-me demasiado para ser alguém que não sou. Admitamos, não era para impressionar a minha agente que eu pusera o lenço-peruca — a Sylvia já sabia quem eu era. E quem eu não era. Hoje, só o colocara para não ser expulsa deste restaurante Panera em particular. Se conseguisse chegar ao fim do almoço sem ser reconhecida como a desgraçada que fora banida do estabelecimento oito meses antes, já me dava por feliz.

Pus o meu saco de marca de imitação ao ombro, respirei fundo e saí da carrinha, a rezar para que a Mindy, a gerente, se tivesse despedido ou sido despedida desde a última vez em que eu aqui estivera, quando a Theresa me convidara para almoçar numa tentativa de ultrapassarmos as nossas diferenças.

Entreí no restaurante e olhei em volta, por entre as longas madeixas loiras da peruca que deixara caídas sobre os olhos. A Sylvia já estava na fila, a estudar a ementa na parede por trás das caixas como se estivesse escrita numa língua estrangeira misteriosa. Pus-me ao lado dela, mas ao fim de um minuto e meio tive de murmurar o seu nome para ela finalmente olhar para mim duas vezes.

— Finlay? És tu? — perguntou.

Escondi-me atrás dela e mandei-a falar baixo enquanto espreitava por cima do seu ombro para os empregados atrás do balcão. Quando não vi a Mindy, a gerente, nem nenhum outro rosto familiar, preendi as madeixas soltas atrás das orelhas.

— Desculpa não ter conseguido encontrar-me contigo no centro — disse-lhe. — A minha manhã explodiu.

— Estou a ver. — A Sylvia deixou de inspecionar a ementa para me inspecionar a mim. Baixou os óculos no nariz com uma unha vermelha e comprida. — Porque é que tens isso na cabeça?

— É uma longa história.

A minha relação com o Panera era complicada. Eu gostava da sopa deles. O Panera não gostava que eu a tivesse despejado na cabeça de outra cliente. Em minha defesa, a Theresa é que começara,

quando tentara justificar os seus motivos para ir para a cama com o meu marido.

— Tens qualquer coisa nas calças — disse a Sylvia, com uma careta, ao ver a mancha de xarope com cabelos colados.

Apertei os lábios. Tentei sorrir. A Sylvia era tudo aquilo que qualquer pessoa que veja demasiada televisão imagina que uma nova-iorquina é. Provavelmente porque era de Jersey. O seu escritório ficava em Manhattan. Os seus sapatos vinham de Milão. A sua maquilhagem parecia ter acabado de chegar num *DeLorean* vindo de 1980, e as suas roupas podiam bem ter sido esfoladas diretamente de um grande felino selvagem.

— Posso atendê-la aqui — chamou um empregado de trás de uma caixa livre. A Sylvia aproximou-se do balcão, interrogou o jovem quanto às opções isentas de glúten e depois pediu uma baguete de atum e uma sopa de cebola à francesa.

Quando chegou a minha vez, procurei a coisa mais barata da ementa — a sopa do dia. A Sylvia estendeu o cartão de crédito e disse que era por conta ela, por isso acrescentei uma sanduíche de presunto e queijo *brie* e uma fatia de *cheesecake* para levar.

Pegámos nos tabuleiros e fomos à procura de uma mesa. Enquanto isso, pus a Sylvia a par dos detalhes macabros da minha manhã. Ela tivera filhos pequenos no passado, há muito, muito tempo, portanto não ficou totalmente indiferente, mas também não se mostrou muito comovida com as provações da minha triste vida de mãe solteira.

Todos os reservados estavam ocupados, por isso dirigimo-nos à última mesa vazia para dois no centro da sala de refeições apinhada. De um lado tínhamos uma estudante universitária de auscultadores nos ouvidos a olhar para o ecrã do seu *MacBook*. Do outro, uma mulher de meia-idade a depenicar a sua tigela de massa com queijo, sozinha. A Sylvia passou entre as mesas e sentou-se numa das cadeiras, com ar exasperado. Eu guardei a carteira no saco e pousei-o na pequena faixa de chão vazio ao meu lado. A mulher da mesa vizinha olhou para o saco e depois levantou os olhos para

mim. Sorri distraidamente e bebi o meu *ice tea* até ela se virar de novo para o almoço.

A Sylvia olhou para a sanduíche e fez uma careta.

— Diz-me lá outra vez porque escolhemos este sítio?

— Porque o sangue de uma ferida na cabeça demora imenso tempo a limpar. Desculpa o atraso.

— Como estamos em relação ao prazo? — perguntou ela, com a boca cheia de atum. — Por favor, diz-me que apanhei o comboio até aqui para receber boas notícias.

— Não propriamente.

Ela lançou-me um olhar furibundo enquanto mastigava.

— Pelo menos diz-me que tens um plano.

Curvada sobre o tabuleiro, remexi na comida.

— Mais ou menos.

— Eles pagaram-te metade adiantada por este trabalho. Diz-me que estás perto de estar despachada.

Inclinei-me sobre a mesa e baixeí o tom de voz, grata por a estu-dante ao meu lado estar de auscultadores.

— Os meus últimos homicídios foram tão pouco originais. Estou a tornar-me demasiado previsível. Sinto que caí numa rotina, Syl.

— Então muda de abordagem. — Ela agitou a colher no ar, como se conjurar um livro não tivesse dificuldade alguma. — O contrato não especifica nada exceto que tem de estar feito no mês que vem. Consegues fazer isso, certo?

Dei uma dentada na sanduíche para não ter de responder. Se eu desse mesmo tudo por tudo, talvez conseguisse alinhar um primeiro esboço do manuscrito em oito semanas. Seis, na melhor das hipóteses.

— Não pode ser muito difícil. Já o fizeste antes.

— Sim, mas este vai ser complicado. — Provei uma colherada de sopa. Sabia a cartão. Como tudo o resto desde o divórcio. — Matava por um bocadinho de molho picante — murmurei, e inspecionei a mesa ao meu lado. Sal, pimenta, açúcar e guardanapos. Nada de picante. Mas a mulher praticamente não reparou. Estava de olhos

postos no meu saco, aberto no chão ao lado da mesa. Enfeei a carteira mais para o fundo e dobrei as alças, para proteger o conteúdo de olhares indiscretos. Quando ela continuou a olhar, fitei-a com uma expressão fria.

— Não percebo qual é a dificuldade. Há uma mulher bonita, doce e simpática que tem de ser salva de um tipo muito mau. O tipo mau é despachado, a nossa mulher simpática demonstra a sua gratidão, toda a gente vive feliz para sempre e tu recebes um grande cheque.

Parti a ponta da minha baguete.

— Quanto ao cheque...

— Nem pensar. — A Sylvia agitou a colher à minha frente. — Não posso pedir-lhes outro adiantamento.

— Eu sei. Mas este envolve muita pesquisa — disse eu, em voz baixa. — Estamos a falar de clubes noturnos de má reputação, instrumentos de tortura, senhas secretas... Isto sai completamente da minha área de especialidade. Normalmente sou muito metódica. Sabes, conservadora. Nada demasiado extravagante. Mas este... — Cortei um pedaço de *cheesecake*. — Este é diferente, Syl. Se eu for bem-sucedida, posso tornar-me o próximo grande nome nesta área.

— O que quer que faças, tens de ser rápida. Vamos despachar este e passar ao próximo.

Abanei a cabeça.

— Não quero precipitar-me desta vez. Preciso que seja uma coisa em grande. Estes adiantamentos de dois e três mil dólares de cada vez não compensam o tempo nem o trabalho. O próximo contrato tem de lançar a minha carreira, ou desisto — declarei, com a boca cheia de *cheesecake*. — Se este correr bem, para o próximo não aceito nem um cêntimo menos do que 15 mil.

— Está bem. Impressiona-os com este e para a próxima logo se vê. — O telefone da Sylvia vibrou em cima da mesa. Ela olhou para o número no ecrã e semicerrou os olhos. — Desculpa, tenho de atender — disse, e espremeu-se entre as mesas. Quando me virei para deixar a Sylvia passar, a mulher na mesa do lado estava a olhar para mim. Com o garfo suspenso sobre a tigela de massa com queijo

já fria, fitou-me fixamente durante um momento demasiado longo e constrangedor que me fez pensar se me teria reconhecido apesar de toda a maquilhagem e do lenço-peruca. Ou talvez tivesse reconhecido o lenço-peruca. Nunca ninguém me pedira um autógrafo. Se ela me pedisse para eu lhe assinar o guardanapo, provavelmente ficaria sem palavras. Não sei se fiquei aliviada ou desapontada quando ela afastou o olhar e estendeu a mão para a mala. Virei-me de novo para a minha sanduíche e, entre dentadas, peguei no telemóvel para ver se havia alguma mensagem. Uma do Steven, a perguntar-me a que horas voltava. Outras duas das empresas dos cartões de crédito, a recordar-me que os pagamentos estavam atrasados. E um e-mail da editora, a perguntar como estava a correr o livro novo. Tive a estranha sensação de estar a ser observada, mas a mulher ao meu lado estava debruçada sobre a mesa, a escrever qualquer coisa num pedaço de papel.

Minutos depois, ouvi novamente os saltos dos sapatos da Sylvia a entrar na sala. O meu coração afundou-se quando vi que ela nem ia dar-se ao trabalho de se voltar a sentar.

— Desculpa, querida. Tenho de ir — disse, e pegou na sua mala.  
— Tenho de apanhar o comboio para o centro. Estou a receber uma proposta avultada para outro cliente e o prazo final é de 48 horas. Tenho de agir depressa antes que a oferta expire. — Pôs a mala ao ombro. — Gostava de ter mais tempo para conversar.

— Não faz mal — tranquilizei-a. Eu não estava bem. Isto não estava bem. — A culpa foi toda minha.

— Pois foi — concordou ela. Pôs os óculos escuros de marca e deixou-me com os seus pratos sujos. — Agora vê lá se despachas o trabalhinho e avisa-me quando estiver feito.

Levantei-me com um sorriso forçado e despedimo-nos com beijinhos no ar que fazia com que parecêssemos amigas que na realidade não se queriam tocar. Ela já ia a falar ao telemóvel outra vez antes de chegar à porta.

Deixei-me cair de novo na cadeira. A mulher que estava sentada ao meu lado desaparecera e eu olhei rapidamente para o chão,

aliviada quando vi que o meu saco ainda ali estava. Levei o tabuleiro de Sylvia, arrumando os pratos e os talheres no sítio apropriado, ao lado do caixote do lixo. Quando voltei para a mesa encontrei um papel dobrado debaixo do meu prato. Olhei em volta, à procura da mulher que vira escrever na mesa do lado, mas não havia sinais dela. Desdobrei o papel.

50 000 DÓLARES EM DINHEIRO VIVO  
HARRIS MICKLER  
NORTH LIVINGSTONE STREET, N.º 49  
ARLINGTON

E um número de telefone.

Amachuquei o bilhete com intenção de o atirar para o caixote. Mas o cifrão — e todos aqueles zeros — espicaçaram-me a curiosidade. Quem era o Harris Mickler? Porque é que tinha tanto dinheiro? E por que raio a mulher da mesa do lado deixara o papel no meu tabuleiro quando podia tê-lo atirado ela própria para o lixo?

Guardei o estranho bilhete no bolso e peguei nas minhas coisas. O sol do meio-dia refletia-se nos para-brisas do mar de carros lá fora, e eu procurei às cegas as chaves dentro do saco enquanto tentava lembrar-me onde estacionara. Ainda não as tinha encontrado quando cheguei à lavandaria, e fiquei parada ao lado da carrinha, a praguejar para as profundezas do meu saco. Alguns cabelos da Delia fizeram-me cócegas no pulso quando toquei no rolo de fita adesiva que usara para lhe arranjar o cabelo. Depois algo me mordeu quando afastei o rolo. Com uma exclamação de dor, tirei a mão do saco.

Uma fina linha de sangue surgiu-me no dedo. Com cuidado, afastei a fralda de pano suja de sangue que usara para limpar a testa da minha filha nessa manhã. Por baixo, encontrei a faca de cozinha meio romba que atirara para dentro do saco, e ali estavam também as chaves da carrinha.

Pressionei o corte superficial no dedo com a fralda e liguei o ar condicionado enquanto estancava o sangue. O ar lá fora estava

fresco, outonal, mas a carrinha estava a escaldar depois de ter estado parada ao sol do meio-dia, e já tinha comichão na cabeça transpirada por baixo do lenço-peruca. Tirei-o e atirei-o para dentro do saco com os óculos de sol. Uma mulher muito maquilhada, com o cabelo preso num carrapito apertado, devolveu o meu olhar no espelho retrovisor. Limpei o batom escuro com a fralda de pano, sentindo-me uma impostora. Quem é que eu queria enganar? Nunca conseguiria acabar o livro num mês. Cada dia que passava a fingir que conseguia ganhar a vida como escritora era um dia que estava mais perto de ficar sem os meus filhos. Devia ligar à Sylvia agora mesmo e dizer-lhe a verdade.

Tirei o telemóvel do bolso. O estranho bilhete veio agarrado a ele. Abri-o.

Cinquenta mil dólares.

Olhei para o meu telemóvel. Depois olhei de novo para o bilhete, com a curiosidade a prender-me o olhar no número de telemóvel em baixo.

Podia sempre dizer que era engano e desligar, certo? Marquei os números no teclado no ecrã. Uma mulher atendeu ao primeiro toque.

— Estou sim? — A voz dela estremeceu.

Abri a boca, mas não me saiu nada inteligente.

— Estou?

— Encontrou o meu bilhete.

Não sabia bem o que dizer, portanto optei por responder de forma vaga.

— Sim?

Ouvi um suspiro trémulo do outro lado da linha.

— Nunca fiz uma coisa destas antes. Nem sequer sei se é assim que se faz.

— Que se faz o quê?

Ela soltou uma risadinha assustada, quase histérica, que se extinguiu com uma fungadela. A ligação estava tão boa que era como se estivesse sentada ali à minha frente. Perscrutei os para-brisas dos outros carros, à espera de deparar com o seu olhar em cima de mim.

O meu dedo pairou sobre o botão vermelho no ecrã.

— Está tudo bem? — perguntei, sem saber bem porquê.  
— Precisa de ajuda ou alguma coisa?

— Não, não está tudo bem. — Ela assoou-se e a sua voz ficou abafada, como se estivesse a falar através de um monte de lenços de papel. — O meu marido... Ele... não é um homem bom. Anda a fazer coisas estranhas. Coisas terríveis. Se tivesse sido só uma vez, talvez eu compreendesse, mas houve outras. Tantas.

— Outras quê? Não compreendo o que é que isto tem que ver comigo.

*Devia desligar*, pensei com os meus botões. A conversa estava a ficar muito bizarra.

— Não posso deixar que ele saiba que eu sei. Isso seria... muito, muito mau. Preciso da sua ajuda. — Respirou fundo, como se também ela tivesse o dedo suspenso sobre o botão vermelho. Após uma breve pausa, disse: — Quero que trate disso.

— Do quê? — perguntei, com dificuldade em acompanhar a conversa.

— Disso que faz. Como disse há pouco, metódica. Só quero que ele desapareça. Tenho 50 mil dólares em dinheiro vivo. Ia usá-los para o deixar. Mas assim é ainda melhor.

— Assim como?

— Ele vai estar num evento de trabalho no The Lush esta noite. Não quero saber o que vai acontecer. Nem onde. Ligue para este número quando estiver tudo acabado.

A ligação caiu.

Abanei a cabeça, ainda perdida nas reviravoltas bizarras da conversa. Olhei para a fralda ensanguentada no meu colo. Para a faca no saco aberto e para a fita adesiva com os cabelos de Delia. Lembrei-me do rosto pálido da mulher enquanto ouvia a nossa conversa, entre olhadelas disfarçadas para o meu saco pousado no chão.

*O tipo mau é despachado, a nossa mulher simpática demonstra a sua gratidão, toda a gente vive feliz para sempre e tu recibes um grande cheque.*

Oh, meu Deus.

*Não aceito nem um cêntimo menos do que 15 mil... Vamos despachar este e passar ao próximo.*

Oh, 50 mil dólares. Ela percebera 50 mil dólares<sup>1</sup>. Oh, não. Não, não, não!

Enfiei tudo de novo no saco. O papel. O que havia de fazer com o papel? Deitá-lo fora? Queimá-lo? Voltar ao Panera, rasgá-lo em pedacinhos e atirá-lo pela sanita? Quanto mais depressa me livrasse dele, melhor. Amachuquei-o e abri a janela, segurando-o na mão sobre o alcatrão em brasa.

Cinquenta mil dólares.

Fechei de novo a janela e enfiei o bilhete no bolso enquanto engatava a carrinha. Com o coração aos saltos, saí do parque de estacionamento, com o cuidado de fazer pisca e não ultrapassar o limite de velocidade. E se a polícia me mandasse parar, e se me revistassem e o encontrassem? Provavelmente bastava o historial das minhas pesquisas no *Google* para me pôr numa lista de pessoas suspeitas. Eu escrevia livros de suspense sobre homicídios deste género. Já tinha pesquisado todas as maneiras possíveis de matar alguém. Com todos os tipos de armas imagináveis. Investigara todas as formas possíveis de esconder um corpo.

Isto era ridículo. Estava a ser tola por me preocupar com um bilhete estúpido. Não podia ser suspeita de um crime que ainda não acontecera. E *nem pensar* que eu estava sequer a *contemplar* esta ideia. Se a mulher o queria morto, teria de arranjar outra pessoa para o fazer. E eu podia prosseguir com a minha...

*Oh...*

Apertei o volante. Esta mulher parecera estar a falar a sério. Cinquenta mil dólares era dinheiro sério, não era? O que aconteceria se ela *arranjasse* outra pessoa para o fazer? Eu seria suspeita do crime? Era possível.

---

<sup>1</sup> Em inglês, *fifteen* (quinze) e *fifty* (cinquenta) têm um som parecido e é possível confundir as duas palavras. [N. T.]

A menos que...

Olhei para o espelho retrovisor antes de mudar de faixa. E se ninguém encontrasse o corpo? E se ninguém tivesse a certeza de que este tal Harris Mickler estava morto? Nesse caso não haveria necessariamente um suspeito, certo? Quase conseguia ouvir a voz do Steven na minha cabeça, a dizer-me que eu estava a ser ridícula, que estava a imaginar o pior e a inventar histórias. Era o argumento a que ele recorria sempre, o que tentara usar comigo ao princípio, quando eu desconfiara de que ele andava envolvido com a Theresa nas minhas costas.

Só que desta vez, por mais que isso me irritasse, ele tinha razão.

Dei uma palmada no volante e ralhei comigo própria enquanto me encostava à faixa da direita na autoestrada. Porque é que estava sequer a pensar nisto? Já tinha problemas suficientes na minha vida real: prazos iminentes, sem amas nem adiantamentos monetários, prestações do carro atrasadas, telefonemas constantes de cobradores de dívidas... E esta situação toda com o Harris Mickler, isto era doentio. Era sinistro.

Eram 50 mil dólares.

Uma buzina soou atrás de mim e eu dei um salto no banco, acelerando um pouco para acompanhar o trânsito. Devia atirar o bilhete pela janela, disse a mim própria, e esquecer que isto alguma vez acontecera.

Tamborilei com os dedos no volante. Liguei o rádio. Desliguei o rádio. Olhei para o meu conta-quilómetros ao passar pela cabina da portagem, sem conseguir parar de ouvir a conversa na minha cabeça.

*O meu marido... Ele... não é um homem bom.*

Não seria um homem bom no sentido de «esquece-se do aniversário de casamento», perguntei a mim própria. Ou não era bom no sentido de «dorme com outras mulheres»? Porque ir para a cama com a agente imobiliária não é razão para querer ver o marido morto. Pode ser uma razão legítima para desejar que ele fique com os tomates estropiados num acidente relacionado com um cortador de relva, ou para lhe desejar uma doença venérea horrível cujos sintomas

incluam as palavras «corrimento» e «ardor». Mas matar um homem por trair a mulher seria errado. Certo?

*Se tivesse sido só uma vez, talvez eu compreendesse, mas houve outras. Tantas.*

Exatamente de quantas estaríamos a falar? Cinco? Dez? Cinquenta mil? E por que razão dizer ao marido que tinha conhecimento das outras seria *muito, muito mau*?

Entre no caminho de acesso à minha casa, parei ao lado do monte de contas por pagar no degrau da porta e rezei para que o Steven tivesse pagado a minha conta da eletricidade quando carreguei no botão do comando. Soltei um suspiro de alívio quando o portão da garagem se abriu. Guardei a carrinha e fechei o portão atrás de mim, de olhos postos no quadro de ferramentas vazio enquanto desligava o motor. A garagem estava escura e silenciosa e fiquei ali sentada um bocadinho, a pensar. Nos meus filhos. Nas minhas contas. No Steven e na Theresa.

Em todos os problemas da vida real que 50 mil dólares podiam resolver.

Tirei o bilhete amachucado do bolso e alisei-o, perguntando a mim própria até que ponto o Harris Mickler seria um mau marido.

## CAPÍTULO 3

O relógio do micro-ondas estava a piscar quando abri a porta da cozinha. Sabia que tinha de agradecer ao Steven por isso; ele nunca deixaria os filhos numa casa sem eletricidade. Ainda assim, era difícil sentir-me grata por ter água quente e luzes quando a culpa de o nosso lar se ter desfeito era do Steven, na verdade. Eu estava quase certa de que tudo isto fazia parte do plano do advogado dele, dar-me o mínimo possível todos os meses para que o Steven pudesse depois vir salvar-me, restaurando a ilusão do seu valor moral ao lançar uma sombra sobre o meu.

Quanto mais tempo isto se prolongava, mais eu punha em causa se ele não teria razão. Passei as horas seguintes a pensar no Harris Mickler. Nos meus momentos mais virtuosos, imaginava-o como um sócia do Hugh Jackman — demasiado charmoso e atraente para se conseguir proteger das inúmeras mulheres que deviam atirar-se para os seus braços, a pobre vítima de uma mulher ciumenta que se calhar beneficiaria do seguro de vida do marido. Em momentos dos quais me orgulho muito menos, imaginava-o como um Joe Pesci sob o efeito de Viagra e admitia a forte possibilidade de, se ele fosse mesmo tão baixote, eu provavelmente conseguir colocar o seu corpo sem vida na traseira da minha carrinha.

Estes pensamentos eram geralmente acompanhados de fantasias de carrinhos de compras cheios em grandes armazéns. Fantasias em que eu permitia a mim própria calcular quantos pacotes de tamanho familiar de fraldas *Huggies*, refeições prontas e toalhetas conseguiria comprar com 50 mil dólares.

Encostei a testa à porta do escritório, repugnada comigo mesma. Se precisava de dinheiro, devia simplesmente escrever o raio do livro do qual a minha agente e a editora estavam à espera.

Com um suspiro, apertei a proteção contra crianças e rodei a maçaneta. Esta medida de segurança acrescida era provavelmente desnecessária: eu não abria a porta do meu escritório há tanto tempo que tinha quase a certeza de que os meus filhos nem sequer sabiam que esta divisão existia. O ar no interior estava parado, cheirava a bafio. Uma camada de pó cobria a minha secretária e embaciava a moldura do diploma universitário na parede — um curso de quatro anos em Inglês, da Universidade George Mason, que me qualificava para fazer absolutamente nada.

Liguei o meu computador e esperei, ao som do zumbido agudo, até o ecrã se acender. Era o computador que o Steven usara na faculdade e depois se tornara o computador da casa até ao divórcio. Agora, era tão velho que provavelmente demoraria todo o tempo sem crianças que eu tinha disponível diariamente só para o ligar.

O disco rígido zumbiu, com a ampulheta a rodar num ecrã tristemente vazio. Por onde começar? Como havia de escrever um romance para fazer palpar o coração das outras pessoas, quando o meu próprio romance fora tamanho fracasso? Já era quase meio-dia e o Steven esperava que eu fosse buscar o Zach dentro de poucas horas. Provavelmente para que ele e a Theresa pudessem passar o resto do dia na cama, com um breve intervalo para um almoço tardio e posteriormente umas bebidas. Se eu trabalhasse todas as noites, depois de os miúdos estarem a dormir, ao longo das próximas seis semanas, talvez conseguisse acabar um primeiro esboço verdadeiramente mau. Mas porquê dar-me a esse trabalho? Só para poder gastar nas contas atrasadas os tostões que ainda restavam depois do meu adiantamento? A avaliar pelo tamanho da pilha no degrau lá fora, esse dinheiro desapareceria em menos de uma semana.

O ecrã do computador finalmente ganhou vida. Apareceu uma barra de pesquisa. Escrevi a palavra *Como*. Como havia de escrever o maldito livro e resolver a minha vida?

O resto da caixa preencheu-se automaticamente, alimentada por um historial de pesquisas repleto de perguntas violentas e devassas

que começavam todas da mesma maneira: Como é que os cadáveres se decompunham numa campa rasa no inverno na Virgínia? Como avaliar os efeitos da bala de uma Colt 45 no corpo de um homem adulto corpulento com peitorais anormalmente desenvolvidos? E como é que uma pessoa podia eliminar os traços identificativos do seu cadáver?

Devia ter fechado o motor de busca e aberto uma página de Word. Tinha mais do que um bom motivo para começar a despachar este livro. Mas tinha também 50 mil razões para estar curiosa em relação ao Harris Mickler.

Na verdade, bem vistas as coisas, que mal fazia mais uma pesquisa? Apenas para dar um rosto ao nome. Haveria algum mal numa voltinha rápida por alguns registos públicos, só para ficar com uma ideia de quem seria realmente este Harris Mickler?

Recostei-me na minha cadeira, com uma sensação de estranheza enquanto o meu corpo se adaptava de novo às suas covas e curvas familiares. Precisamente quando levava as mãos ao teclado, o meu telemóvel vibrou em cima da secretária. A fotografia do meu ex-marido apareceu no ecrã, e atendi rapidamente só para a fazer desaparecer.

— Olá, Steven.

— Já tens luz?

— Sim. Obrigada por teres tratado disso — agradei, com um sorriso forçado, na esperança de que ele se apercebesse no meu tom de voz. O Zach guinchou como um porco furioso atrás dele. O Steven gemeu.

— Não me agradeças. Foi a Theresa que tratou disso. Ela tem um cliente que trabalha na faturação da empresa. Mexeu alguns cordelinhos para reativarem a tua conta. Depois ela e a Amy foram a tua casa à hora de almoço e fecharam a garagem. Por falar nisso, a Theresa disse-me que a porta de serviço para a cozinha estava destrancada. Tens de ter mais cuidado com isso, uma vez que tu e os miúdos costumam estar sozinhos.

Mordi a língua para não dar uma resposta ingrata e rancorosa.

— Obrigada pelo conselho. Já agora, quem é essa tal Amy?  
 — Parecia que ela surgira na nossa vida sem que ninguém me informasse.

— Sabes quem é, a melhor amiga da Theresa. A Delia adora a tia Amy. Ela toma conta dos miúdos durante umas horas, aos sábados, para eu e a Theresa fazermos uma pausa.

Uma pausa? De 48 horas com os nossos filhos?

— A Delia tem uma tia Georgia. Não precisa de uma tia Amy.

— Ótimo — respondeu o Steven sem hesitar. — Vamos ligar à Georgia e pedir-lhe a *ela* que tome conta dos miúdos.

Cerrei os dentes com força.

— Ai! Não, não, Zach! Anda cá... Céus — resmungou o Steven, um pouco ofegante. — Ouve, Finn, preciso que venhas buscar o Zach. A Theresa teve uma marcação depois de almoço para mostrar uma casa, por isso tive de o trazer comigo para a quinta. Mas tenho uma reunião com um cliente dentro de menos de uma hora e o Zach está descontrolado.

— Claro que está. — Fechei os olhos e imaginei o caos que devia haver do outro lado da linha. A quinta do Steven era apenas uma extensão de relva gigantesca sem cerca. Hectares de espaço aberto para correr, e muitos tratores e escavadoras para trepar. Era o paraíso para uma criança de 2 anos e o pior pesadelo de um pai, a menos que este fosse também campeão de atletismo.

— Finn? — por entre os guinchos do Zach, eu quase conseguia ouvir a sanidade mental do Steven a desfazer-se. A quinta dele era perto da fronteira estadual com a Virgínia Ocidental. Eu demoraria pelo menos 40 minutos a lá chegar. E antes tinha de ir buscar a Delia à creche.

— Está bem. — Remexi na carteira e encontrei os 20 dólares que não gastara ao almoço. Chegava para me abastecer de combustível. — Vou sair. Dá-me só alguns minutos para ir à casa de banho e depois ir buscar a Delia.

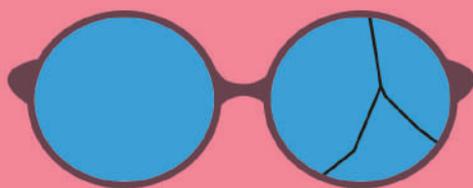
— Uma hora, Finn. Por favor. — Ele parecia desesperado. E um bocadinho chateado. Tinha apenas um dos nossos filhos há menos

de três horas, e achava que conseguia lidar com a guarda total dos dois? Pensei em ir com toda a calma e chegar atrasada, só para ver quantos cabelos ainda lhe restavam quando eu aparecesse. Mas depois o Zach começou a chorar, o tipo de choro que o Steven sempre fora demasiado impaciente para conseguir acalmar. Levantei-me da secretária e a camada de pó revelou-se onde as minhas mãos tinham pousado brevemente na superfície.

Era isto a minha vida. Um contrato de dois mil dólares para meses de trabalho, sem tempo para dormir e com direito a dez minutos sozinha na casa de banho.

— Diz ao Zach que estou a caminho. — Desliguei o telefone, fiz o mesmo ao computador e tentei não pensar mais no Harris Mickler.

# Poderá a vida de uma mãe comum tornar-se ainda mais complicada?



Mãe divorciada, escritora a enfrentar um bloqueio criativo e dona de casa com muitas faturas por pagar, Finlay Donovan não tem uma vida fácil. Como se não bastasse, o novo livro que prometeu entregar à sua agente literária ainda não está escrito, o ex-marido despediu a ama sem lhe dizer nada e a filha mais velha teve de ir para a escola com o cabelo colado com fita adesiva, depois de um pequeno incidente doméstico envolvendo uma tesoura.

Quando se encontra com a agente para lhe falar sobre o processo criativo para o novo livro, a sua conversa é ouvida por alguém numa outra mesa, que a confunde com uma assassina a soldo e a contacta para matar o seu marido. Intrigada e decidida a usar a situação como inspiração para a sua próxima história, Finlay não resiste à curiosidade acerca do que terá levado aquela mulher a fazer-lhe uma proposta tão inusitada e decide aprofundar o assunto.

No entanto, tudo se complica antes de ela conseguir esclarecer o mal-entendido. Quando dá por si, Finlay já se encontra envolvida numa rocambolesca trama, da qual terá dificuldades em sair. Pelo meio, terá também de lidar com a sua conturbada vida pessoal, enfrentando as agruras da maternidade, as quezílias com o ex-marido e as dificuldades de novos relacionamentos.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Literatura traduzida

 penguinlivros.pt  
  topseller.editora

ISBN 9789896236489



9 789896 236489 >